

Imagem turística do Pantanal em Campo Grande (MS/Brasil): marcos urbanos na Avenida Afonso Pena e adjacências

Touristy image of Pantanal at Campo Grande (MS/Brazil): urbans icons on the Afonso Pena Avenue and surrounding

Daniela Sottili Garcia (GARCIA, D. S.) *

RESUMO - Este artigo foi desenvolvido tendo como foco de estudo os marcos urbanos ligados ao Pantanal instalados na cidade de Campo Grande, capital do Estado do Mato Grosso do Sul (MS/Brasil) e a criação de imagens turísticas. Utilizou-se como metodologia a análise de situação a partir de uma analogia entre dados obtidos no ano de 2005 e os do presente ano. Dentre os procedimentos trabalhou-se com observação direta; cobertura fotográfica dos marcos urbanos instalados principalmente na Avenida Afonso Pena e suas proximidades; levantamento de estabelecimentos do comércio local com denominações vinculadas à fauna e flora pantaneira e por fim, consultas de referenciais impressos e em meio eletrônico. Apontam-se como resultados que tais marcos urbanos induzem a população local em assimilá-los como característicos de Campo Grande e confundem as expectativas dos turistas que a visitam, além do fato da cidade deixar de evidenciar seus próprios referenciais.

Palavras-chave: Imagem turística; Marcos urbanos; Imagem urbana e Campo Grande (MS/Brasil).

ABSTRACT – This article was developed having as theme the Afonso Pena Avenue in the Campo Grande city, capital of the Mato Grosso do Sul State (MS/Brazil). It had as objective to analyze the image that tourists had about the Tourism in the city since the analogy between data obtained on the year of 2005 and the present year. As methodology, it was analyzed the situation and were made interviews with tourists in the airport and terminal bus station of the city, as well as in some hotels, besides this the trade tourism public and private representatives; photos coverage of the Pantanal icons installed at the Afonso Pena Avenue and it neighborhoods; research of publicity material about Campo Grande; research of the local commerce with animals and flora pantaneira names and finally, searches of bibliographies related to this area. It was denoted as results that, the touristy interviewed did not consider convenient the touristy image sold by the touristy development projects of the capital, which emphasize more your geographic closeness with the Pantaneira plain, than your own local culture.

Key-words: Touristy image; Urbans icons; City image and Campo Grande (MS/Brasil).

* Bacharel em Turismo (UCDB); Especialista em Gestão de Turismo, Hotelaria e Eventos (UNIDERP); Mestre em Geografia (UFMS). Doutoranda em Geografia (UFPR) Professora do Curso de Turismo da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – Unidade de Dourados. Endereço: Rua Ortósia, 169 (Coopharádio). CEP: 79052-160 - Campo Grande - MS (Brasil). Telefones: (67) 9981-9274. Email: sottili@uem.br

1 INTRODUÇÃO

A capital do Estado de Mato Grosso do Sul – Campo Grande é uma cidade com mais de cem anos de emancipação e de construção de história, tendo o comércio como principal atividade econômica, seguido da agropecuária, e nas últimas décadas o poder público e privado têm buscado também desenvolver o turismo no município.

Dessa forma, neste artigo se faz uma análise de como a imagem turística vem sendo trabalhada nesta cidade, no intuito de averiguar se a sua identidade cultural está sendo afetada a partir da inserção de marcos urbanos ligados ao Pantanal em diversos pontos do seu tecido urbano.

Tem como foco central uma abordagem sobre a Avenida Afonso Pena, principal via de tráfego de Campo Grande e adjacências, e sobre os seus elementos turísticos simbolizadores do Pantanal¹ nela instalados, sua importância no contexto da cidade e como ela se apresenta disposta no seu espaço urbano.

Com isso, buscou-se dar um enfoque maior em aspectos descritivos e de estruturação da Avenida Afonso Pena e das diversas ações nela inseridas com a intenção de apresentar as transformações que a cidade e principalmente esta via e seus arredores têm passado ao longo do tempo, inclusive em prol da atividade turística.

Para tanto, foi feito inicialmente um histórico sobre o quadro urbano de Campo Grande e da Avenida Afonso Pena, depois uma abordagem a respeito de imaginário turístico e posteriormente são apresentados os marcos urbanos do Pantanal, instalados nesta avenida e proximidades. Também se faz comentários sobre os estabelecimentos públicos e privados que apresentam denominações referentes à fauna e flora pantaneira.

E por fim, buscou-se apresentar uma discussão sobre a importância de se repensar a imagem turística de Campo Grande, sobretudo, de sua Avenida Afonso Pena e proximidades que tem sido construída, divulgada e comercializada com intenção turística. Acredita-se que tal imagem deveria estar mais associada às características culturais e sociais da cidade de Campo Grande e nem tanto aos símbolos do Pantanal apesar do seu forte apelo turístico.

¹ O Pantanal é a maior planície alagável e uma das maiores extensões úmidas contínuas do mundo, ocupando porções do Brasil, Paraguai e Bolívia, com área de aproximadamente 210.000 km², sendo 140.000 km² em território brasileiro. Está localizado no centro da América do Sul, com 65% da porção brasileira no estado de Mato Grosso do Sul e 35% no Mato Grosso.

2 HISTÓRICO DA AVENIDA AFONSO PENA

Para se entender o surgimento da Avenida Afonso Pena, se faz necessário primeiramente, conhecer a própria história da cidade de Campo Grande, que se localiza na região Centro-Oeste do Brasil e possui uma localização estratégica em relação ao Mercado Comum do Sul - MERCOSUL e aos grandes centros consumidores do país.

O município de Campo Grande foi criado no dia 26 de agosto de 1899, pela Lei estadual n. 225². Ele possuía uma área superior a 100.000 km² abrangendo os atuais municípios de Rio Brilhante, Nova Alvorada do Sul, Bataguassu, Ribas do Rio Pardo, Rochedo, Terenos, Sidrolândia, Jaraguari e Camapuã (SALGADO, 2001). Atualmente Campo Grande possui uma área total de 8.096 km² e uma área urbana de 154,45 km², conforme Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2009).

Campo Grande foi colonizada por migrantes que vieram aproveitar os campos de pastagens nativas e as águas cristalinas da região dos cerrados. A cidade foi planejada em meio a uma vasta área verde, com ruas e avenidas largas. Relativamente arborizada e com diversos jardins por entre as suas vias, ainda possui forte relação com a cultura indígena e suas raízes históricas. Por causa da cor de sua terra (roxa ou vermelha), recebeu a alcunha de Cidade Morena.

Está localizada em região de planalto no centro do Estado de Mato Grosso do Sul e equidistante dos seus extremos norte, sul, leste e oeste, fator que facilitou a construção das primeiras estradas da região, contribuindo para que se tornasse a grande encruzilhada ou pólo de desenvolvimento de uma vasta área.

Campo Grande é considerado o mais importante centro catalizador de toda a atividade econômica e social do Estado, posicionando-se como o de maior expressão e influência cultural. Em 1980, o município já concentrava 24,3% do total das empresas comerciais de Mato Grosso do Sul e, em 1997, 34,85%. Também registrou crescimento populacional acima da média nacional nos anos 1960, 70 e 80.

Esta cidade teve o seu início num aglomerado de casas rústicas que pontilhavam nas margens dos córregos: “Prosa” e “Segredo”.

² No ano de 1977, o então Estado de Mato Grosso foi dividido em dois estados pela Lei Federal Complementar n. 31, criando na parte sul do então Mato Grosso o novo Estado de Mato Grosso do Sul (MS), e na parte norte permaneceu como Estado de Mato Grosso (MT). O Estado de Mato Grosso do Sul ficou tendo como capital a cidade de Campo Grande, sendo instalado oficialmente em 1979.

A primeira rua a surgir, ainda no arraial de Santo Antonio de Campo Grande, foi a “Rua Velha”, assim conhecida popularmente por ser a mais antiga. Seu nome na época era Rua Afonso Pena, porém passados alguns anos ela trocou de nome e passou a ser denominada de Rua 26 de Agosto (MACHADO, 2000).

Em 1906, a Câmara Municipal votou e aprovou a lei para a criação de um plano de alinhamento das ruas da então Vila de Campo Grande, encomendada ao agrimensor Emílio Rivasseau, que, entretanto, nunca foi executada (SILVA, 1999).

No ano de 1909, a prefeitura encomendou a primeira planta da cidade ao engenheiro Nilo Javari Barém, a qual foi aprovada em 18 de junho deste mesmo ano, quando se iniciou sua implantação (OLIVEIRA NETO, 1999).

Analisando a planta do engenheiro Nilo Javari Barém, pode-se observar que a atual Avenida Afonso Pena, ainda naquela época denominada de Marechal Hermes, fora projetada para ser o principal logradouro urbano público da cidade, idealizada como um bulevar. Porém, a Rua 14 de Julho acabou tomando o seu lugar na função de socialização e irradiação dos fluxos da cidade, centralizando o setor comerciário (OLIVEIRA NETO, 2003).

Verificando outra planta, também de 1909, elaborada pelo engenheiro militar Themistodes Brasil, observa-se que a Avenida Afonso Pena deveria abrigar a estação da Companhia Ferroviária Noroeste do Brasil, já em construção naquela época. Porém, por falta de espaço para os trilhos, oficinas, área de manobra etc., a estação foi transferida para outro ponto, ao norte da cidade (BACCIOTTI, 2002).

Voltando à planta de Barém, observa-se que ela projetava uma avenida central e principal de 54 m de largura e as demais ruas de 20 e 25 m em quarteirões de 100 a 150 m. Os lotes projetados eram de 40 x 50 m e numerados de 01 até 385, reservando ainda espaço para duas praças: a Praça Concórdia (atual Praça Aquidauana) e a Praça da República (conhecida como Praça do Rádio) e também uma área institucional, onde funcionaria o cemitério e agora se situa a Praça Ary Coelho (ARRUDA, 2002).

Na planta original a Avenida Afonso Pena possuía pouco mais de um quilometro de extensão, possuindo atualmente aproximadamente 9,5 km e uma largura igual a 54 metros.

De acordo com Gardin (1999, p. 26-27):

O traçado em xadrez adotado, criando quadras regulares, determinou uma ligação linear de ruas largas, uma praça central ostentando um jardim público e uma ampla avenida central. São espaços públicos que contêm uma nova dimensão – a da amplitude, reveladora de um pensamento urbanístico que traz em si uma outra maneira de gestar o espaço urbano.

Também se observa que além da forma de bulevar e da localização central na planta, a Avenida Afonso Pena foi projetada e implantada no ponto mais alto da cidade, divisor de águas entre o córrego Prosa e o Maracaju, ambos já canalizados.

A Avenida Afonso Pena desde 1912 abriga o prédio do poder público municipal, primeiramente, até 1970, a prefeitura era localizada na esquina da Avenida Calógeras, a partir de 1970 então foi construindo um prédio maior para abrigar a prefeitura municipal, localizado também na Avenida Afonso Pena entre as Ruas Arthur Jorge e 25 de Dezembro (BACCIOTTI, 2002).

A Rua Velha (atual Rua 26 de Agosto) foi considerada a principal rua da cidade até aproximadamente 1913, mas a implantação da Estação Ferroviária no início da Avenida Calógeras pressionou a mudança do centro da cidade para as Ruas 14 de Julho, Calógeras, Afonso Pena e redondezas, e dessa forma estabeleceu-se uma nova centralidade comercial e por algum tempo também residencial.

Em 1913 foi elaborado o primeiro programa de arborização para as ruas do centro de Campo Grande. Para tanto, a intendência mandou um funcionário para o Rio de Janeiro solicitar ao Ministério da Agricultura, mudas para a plantação. Observa-se que a parte central da cidade acolhe as árvores mais antigas.

A atual Avenida Afonso Pena foi a quinta rua a surgir no arraial, e foi criada com o nome de Avenida Marechal Hermes, nome que permaneceu até 18 de janeiro de 1916, quando foi aprovado o projeto do vereador Francisco Vidal, que sugeriu o nome de Afonso Pena para a avenida central da vila. Foi uma forma de homenagear o Presidente Afonso Pena, que aprovou o traçado definitivo da Companhia Ferroviária Noroeste do Brasil, e que beneficiou a cidade de Campo Grande.

Ao tentar introduzir em Campo Grande uma arborização com espécies típicas do continente europeu, pode-se afirmar que os representantes da elite da época buscavam, também, fazer assimilar, tanto no seu próprio meio, quanto no dos habitantes da cidade, uma mentalidade diferenciada que deveria ter, nas cidades européias, o ideal da paisagem urbana, a ser reproduzida no local.

Por outro lado, almejavam também, um maior controle sobre a população, pois solicitaram através de um telegrama da intendência para a capital do Estado, o aumento do número de praças, alegando que a chegada de grande quantidade de trabalhadores da Companhia Ferroviária Noroeste do Brasil - NOB, fez aumentarem os casos de roubos e assassinatos (OLIVEIRA NETO, 2003).

No final da década de 1930, o prefeito Eduardo Olímpio Machado contratou o escritório Saturnino de Brito para elaborar uma proposta de expansão da rede de esgoto. Este mesmo escritório também orientou uma política de uso do solo e de ampliação da sede municipal, dividindo a cidade em zonas de construção pela Lei Municipal n. 39 de 31 de janeiro de 1941 (EBNER, 1999).

Por meio desta lei foi estabelecido oficialmente o centro comercial nas Ruas Calógeras, 14 de Julho, 13 de Maio e Rui Barbosa e suas transversais entre a Rua Barão de Melgaço até a Rua General Mello, em frente à Estação Ferroviária. As Ruas 26 de Agosto, Barão de Melgaço e Joaquim Murtinho perderam definitivamente seus papéis de ruas principais, e a zona residencial passou a instalar-se no quadrilátero das avenidas Mato Grosso e Afonso Pena e das ruas Rui Barbosa e 25 de Dezembro. Dessa forma pode-se afirmar que se evidencia a função comercial da avenida aqui estudada a partir dessas abrangências acima citadas.

No atual traçado de Campo Grande, a Avenida Afonso Pena inicia-se na Praça Newton Cavalcante, junto aos quartéis do Exército, e termina no Parque dos Poderes, sede do poder estadual.

Em 1933 Avenida Afonso Pena recebeu dois monumentos: um relógio na esquina da Rua 14 de Julho e um obelisco na esquina da Rua José Antônio (MACHADO, 2000). Essas obras foram construídas pela Empresa Thomé & Irmãos, com recursos federais do Ministério da Guerra. Ambas foram encomendadas pelo Coronel Newton Cavalcanti, comandante da Circunscrição Militar à época, para marcar os festejos da cidade por ocasião da 1ª Feira de Amostras, uma espécie de feira de produtos agropecuários e industriais, inaugurados pelo prefeito Ytrio Corrêa da Costa, em 26 de agosto daquele ano.

O Obelisco teve como objetivo marcar os limites urbanos de Campo Grande na década de 1930. Naquele período a Avenida Afonso Pena possuía casas comerciais e residenciais até a Rua José Antonio Pereira. Este tipo de monumento representa a

presença do homem na região. Em 1972, foi cravada no obelisco a efígie em bronze do fundador de Campo Grande – José Antonio Pereira. Esse monumento foi inaugurado em 26 de agosto de 1933 (data de aniversário de Campo Grande), passou por reformas em 1966, 1975 e por uma revitalização em 1986. Depois de tombado como patrimônio histórico de Campo Grande (Projeto n. 1997), foi criada a Lei Municipal n. 100, a fim de evitar sua demolição.

Já o Relógio marcava o ponto de cruzamento das duas principais ruas da cidade: Avenida Afonso Pena e Rua 14 de Julho, inaugurado em 23 de agosto de 1933. Porém, o monumento onde ficava o relógio foi demolido em 7 de agosto de 1970 “em nome do progresso”, pois, entendeu-se na época, que o Relógio localizado naquele cruzamento, estava atrapalhando o trânsito do centro da cidade. Em 16 de julho de 2000, foi inaugurada uma réplica deste monumento na esquina da Avenida Calógeras, com a Avenida Afonso Pena (BACCIOTTI, 2002).

Com a criação do Estado de Mato Grosso do Sul em 1977 e sua localização estratégica, as riquezas oriundas da soja e do gado bovino trouxeram mudanças nas relações empresariais da cidade, atraindo migrantes de todas as partes do país.

Atualmente a capital do Estado de Mato Grosso do Sul possui uma população de 747.189 habitantes (IBGE, 2009).

A divisão do Estado do Mato Grosso fortaleceu a cidade e contribuiu para que a Avenida Afonso Pena passasse a ser um local de *status*, de poder social e econômico, transformando diferentemente cada trecho de seu trajeto. Observa-se que no trecho da avenida compreendido entre a Avenida Ernesto Geisel e o Shopping Campo Grande, esta avenida possui um uso comercial, e a partir do *shopping* até o seu final, no Parque dos Poderes ela tem um caráter de lazer, pois, é utilizada para caminhadas, passeios de ciclistas e motociclistas, bem como, para *shows* culturais e musicais (BACCIOTTI, 2002).

A ampliação da Avenida Afonso Pena, na década de 1980, até o Parque dos Poderes proporcionou dentro do processo contínuo da dinâmica urbana, valorização e incorporação de valor social diretamente causado por um grande investimento público, possibilitando também, grandes investimentos privados, como a construção do Shopping Center Campo Grande, que foi construído em outubro de 1989. Esse equipamento foi e continua sendo um importante atrativo turístico da cidade, atraindo

principalmente pessoas do interior do Estado. Ele também serve de ponto de encontro de jovens principalmente nos sábados à noite, e, aos domingos atrai os moradores dos bairros da cidade.

Na década de 1990, exatamente no ano de 1995, Campo Grande e em especial a Avenida Afonso Pena recebeu restaurada a Morada dos Baís, que fora incorporada ao patrimônio municipal em 1993, tornando-se um importante marco para a cidade. O prédio foi construído em 1939, em estilo classicista com tendência neoclássica, foi o primeiro sobrado em alvenaria da cidade. Originalmente era coberto com telhas em ardósia italiana. Abrigou a Pensão Pimentel de 1938 a 1979 (MORADA DOS BAIS, 2009).

A Morada dos Baís possui em seu interior um restaurante regional, salas para exposições artísticas temporárias e permanentes e abriga desde 1995 o Centro de Informações Turísticas e Culturais, que recebe um número significativo de turistas.

[...] a Avenida Afonso Pena apresenta dois tipos distintos de ocupação. Se de um lado, ela abriga a sede da Federação das Indústrias de Mato Grosso do Sul, grandes condomínios comerciais, várias agências bancárias e a famosa pedra, configurando-se como uma rua dos negócios, por outro lado, nela estão localizados, além de uma grande quantidade de restaurantes e casas noturnas, um grande Parque para Lazer, o Parque das Nações Indígenas, a reserva Ecológica do Parque dos Poderes e um longo trecho, onde existe uma ciclovia no canteiro central, em que a sociedade definiu como ponto das práticas de corridas e caminhadas. Configura-se assim, a mais bela avenida da cidade, também como uma área de lazer e de ocupação comunitária dos seus espaços (OLIVEIRA NETO, 1999, p. 137).

Ao contrário da Rua 14 de Julho, considerada a mais importante da cidade na atividade do comércio (OLIVEIRA NETO, 2003), a Avenida Afonso Pena oferece características bastante importantes para Campo Grande, pois se estabelece como um dos principais eixos viários de grande fluxo, que atravessa o centro da cidade no sentido leste-oeste. Ela também faz a ligação com a Rodovia BR 262 que dá acesso ao Núcleo do Indubrasil, principal pólo industrial da cidade ao oeste (EBNER, 1999).

Lefebvre discorre sobre a importância das ruas para uma cidade, e o quanto elas podem representar em termos de comercialização:

A rua de uma grande cidade pode representar um cenário quase completo da vida cotidiana, ela tem o poder de oferecer publicamente o que em outros lugares está oculto, transformando-se em palco de um teatro quase espontâneo. [A rua] Nada mais é do que o lugar de passagem, de interferências, de circulação e de comunicação. É, portanto, o todo ou quase todo [...] (LEFEBVRE, 1978, p. 94).

A Avenida Afonso Pena é uma avenida larga e que em toda a sua extensão possui canteiro central. Em alguns trechos da avenida esses canteiros possuem jardim, em outros servem como estacionamento e, o trecho na frente do Parque das Nações Indígenas, possui pista no canteiro central que é utilizada para caminhadas.

Nela são encontrados variados tipos de estabelecimentos, tais como: lanchonetes, bancos, grande parte dos hotéis da cidade, agências de viagens, galerias comerciais, residências, edifícios residenciais, áreas de lazer como as praças Ary Coelho e Praça da República, parques como o Parque Estadual do Prosa e o Parque das Nações Indígenas, e os *shoppings* Campo Grande e Pátio Avenida, e como já visto, abriga também a sede do poder municipal, o que a caracteriza como uma das avenidas locais com a maior diversidade de usos e serviços.

A área central da cidade, à noite, esvazia-se e a circulação de pedestres e automóveis praticamente fica concentrada nessa avenida.

A Avenida Afonso Pena também serve de cartão-postal para Campo Grande, e à noite é ela que serve de passagem para as pessoas de todas as idades passearem de carro, sem compromisso, e também para os que buscam o lazer noturno (OLIVEIRA NETO, 1999).

Quando se menciona a palavra cartão-postal logo se imagina uma cidade turística e talvez com esse propósito a paisagem urbana de Campo Grande tem sido trabalhada de forma a divulgar alguns símbolos do Pantanal ao longo do seu traçado.

3 AVENIDA AFONSO PENA E ADJACÊNCIAS E SEUS MARCOS URBANOS REPRESENTANDO O PANTANAL

O turismo também faz parte do mundo de símbolos, de sonhos e de representações, pois é, acima de tudo, constituído de um conjunto de pré-concepções e concepções de valores e imagens de valor cultural, construído antes mesmo da viagem realizada. Isso se dá pelo fato de o homem ser um ser simbólico. Sua relação com o mundo, com o trabalho, com o lazer é sempre revestida de significações e valorizações e sua relação com o turismo não podia ser diferente.

Ultrapassar a barreira da simbologia contida no espaço urbano é entender e visualizar uma cidade a partir dos planos do imaginário de seus habitantes, de modo que

as referências urbanas sejam enfatizadas qualitativamente, abrindo a ambigüidade dos seus sentidos (PALLAMIN, 2000).

Partindo do suposto que todo imaginário social é também imaginário geográfico, não há como dissociá-los, porque embora fruto de um atributo humano, a imaginação – é alimentada pelos atributos espaciais. Nesse sentido, os objetos geográficos fazem parte do cotidiano individual e coletivo e participam da prática social que lhes conferem valor simbólico (YÁZIGI, 2002, p. 127).

Essas representações mentais abrem dois caminhos distintos. O primeiro corresponde ao real e subentende que os lugares turísticos são territórios ricos de potencialidades e fortalezas ao mesmo tempo em que são frágeis. O segundo situa-se no plano da imagem, do imaginário e do simbólico, enfocando questões virtuais que nem sempre coincidem com a realidade, até porque turista é aquele sujeito que consciente ou inconscientemente foge da realidade buscando o prazer que se situa, sobretudo na imaginação (CORIOLANO, 2003).

Para CASTROGIOVANNI (2000, p. 25), “a cidade é uma construção física e imaginária”; não há como frear o imaginário turístico, a cidade é o que é visto, mas, mais do que isso, é o que é sentido. É com essa percepção que os profissionais devem se pautar para serem cada vez mais criativos, no sentido de sempre superarem as expectativas dos turistas.

Na tentativa da venda da imagem turística de Campo Grande pelo poder público por meio dos projetos de desenvolvimento do Estado como referencial cultural e turístico buscou-se elementos urbanísticos para representação de uma imagem de cidade do Pantanal.

A partir disso, o poder público e a iniciativa privada criaram na cidade e com maior concentração na Avenida Afonso Pena e suas proximidades, uma imagem para o turista com elementos urbanísticos baseados em marcos urbanos que remetem à lembrança do Pantanal, posicionando estátuas de animais característicos nas ruas e praças e no *designer* das cabines telefônicas (orelhões).

Para o presente artigo convencionou-se adotar o que Boullón conceitua como marco urbano: são objetos, artefatos urbanos ou edifícios que, pela dimensão ou qualidade de suas formas, destacam-se do restante e atuam como pontos de referência exteriores ao observador (BOULLÓN, 2002, p. 197).

No entanto, a utilização de símbolos associados ao Pantanal pode ser considerada questionável, pois, até que ponto se constrói uma idéia de capital do Pantanal pelo simples fato de sua proximidade estratégica com o Pantanal? A planície pantaneira de Mato Grosso do Sul encontra-se a 450 km da capital do Estado, e pelo menos a 120 km do início da planície pantaneira, ainda no município de Aquidauana, dessa forma, será que isto realmente justificaria esse direcionamento de marketing? (Figura 1).

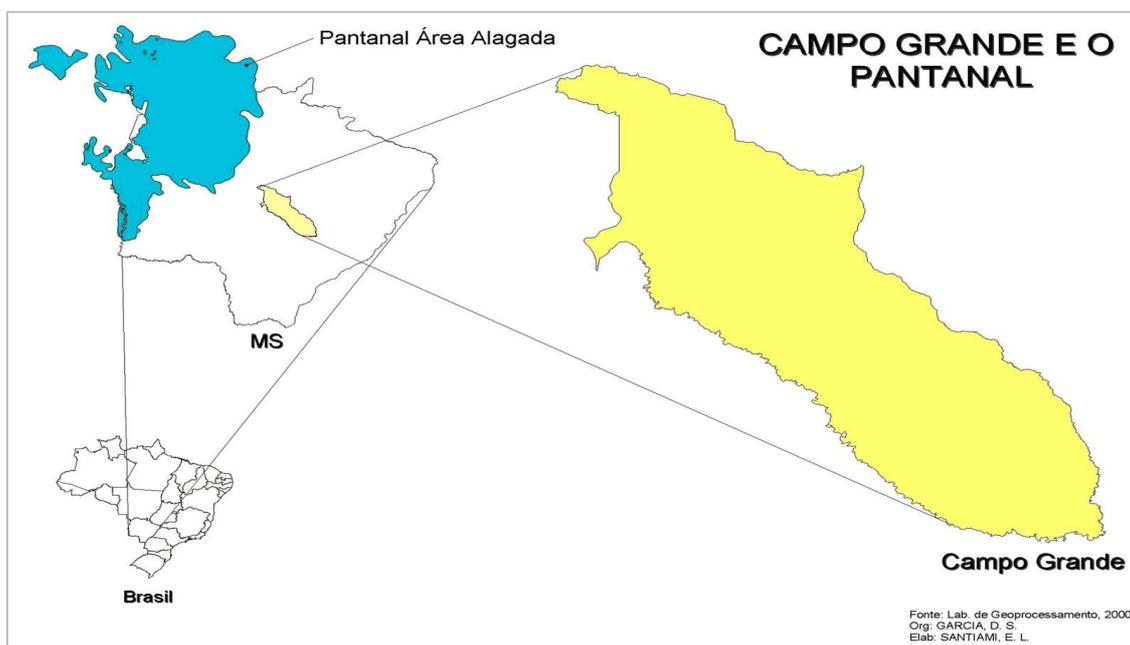


FIGURA 1 - LOCALIZAÇÃO DE CAMPO GRANDE E DO PANTANAL (BRASIL).
Autor: Edson Santiami, 2003

Indaga-se também se a população campo-grandense assimila de fato a marca “Pantanal” como sendo uma marca que também represente a cultura da cidade onde mora ou se Campo Grande teria sua própria marca cultural e turística? Essa tentativa de agregar tal marca, não é de toda inadequada, porém, induz a população local em assimilá-las e confunde as expectativas dos turistas que visitam a cidade, além de Campo Grande deixar de evidenciar seus próprios referenciais.

A criação de “símbolos do Pantanal” se expressa nas cabines telefônicas (orelhões), praças, lixeiras em locais públicos e privados, em museus, no aeroporto e em grande parte no nome das casas comerciais locais. Sua maior concentração encontra-se na Avenida Afonso Pena, principalmente no que se refere aos símbolos criados. Já as casas comerciais com nomes relacionados ao Pantanal, estão distribuídas no centro e

nos bairros próximos a ele, os quais também exercem função comercial (Figura 2).

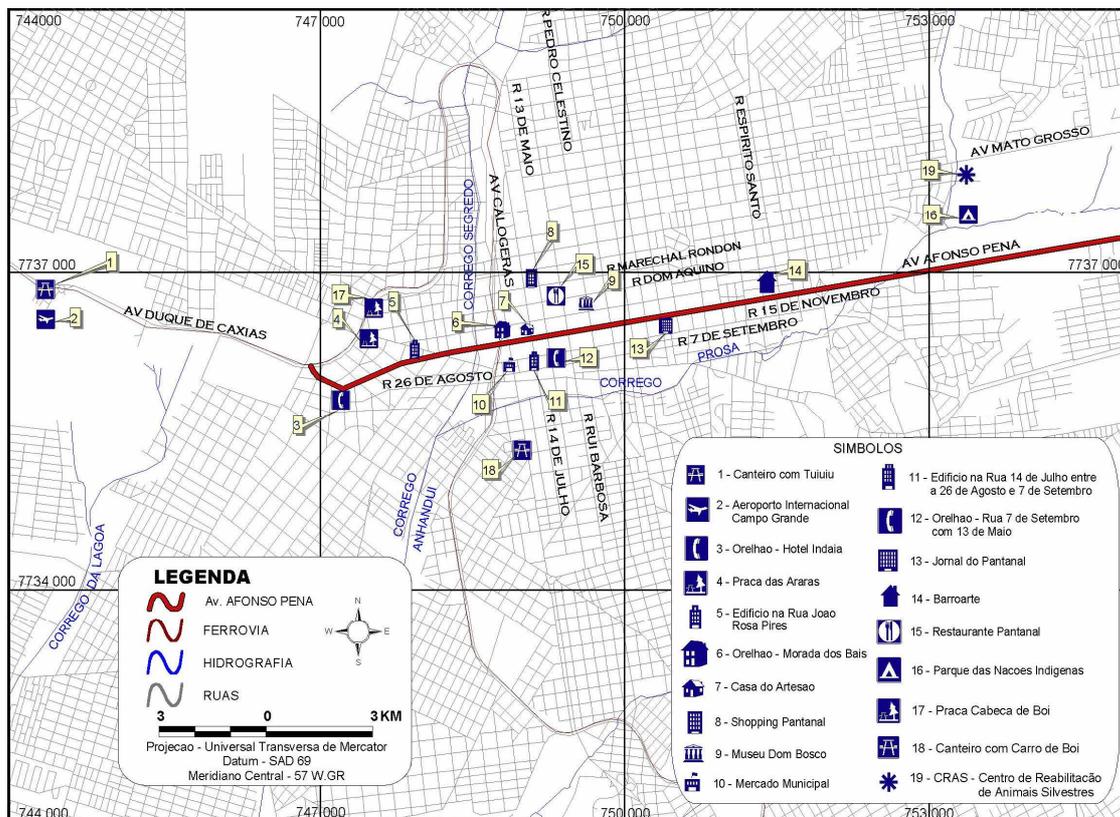


FIGURA 2 – ITINERÁRIO DA AVENIDA AFONSO PENA E SEUS MARCOS URBANOS.

Autor: Edson Santiami, 2003

Na Avenida Duque de Caxias, continuação da Avenida Afonso Pena para o oeste, é onde começa exposição dos elementos do Pantanal. Nela localiza-se o Aeroporto Internacional de Campo Grande, onde foram instaladas lixeiras com imagens de animais do Pantanal, tais como: capivara, onça pintada, jacaré e tuiuí.

Na frente do aeroporto existe uma praça ornamentada com grandes tuiuís de cimento, este monumento recebeu o nome de Monumento Pantanal Sul.

Grande parte dos ícones pantaneiros foi criada pelo artista plástico Clair Ávila e no caso do monumento Pantanal Sul, foi ele quem apresentou um projeto para o Presidente da Empresa Brasileira de Infra-estrutura Aeroportuária - INFRAERO no ano de 2000, tendo sido aceito e implantado (Figura 3).

Esse monumento foi revitalizado em janeiro de 2009, sendo que a revitalização foi feita pelo próprio Clair Ávila com recursos financeiros da Infraero (PANTANALECOTURISMO, 2009).



FIGURA 3 - MONUMENTO PANTANAL SUL - TUIUIÚS DE CIMENTO.
Foto: Daniela Sottili Garcia, 2003.

Mais adiante, sentido centro da cidade, logo no início da Avenida Afonso Pena, na frente do Hotel Indaiá, localiza-se uma cabine telefônica (orelhão) com forma de onça pintada (Figura 4).

Segundo Clair Ávila, esses marcos urbanos como as cabines telefônicas (orelhões) e lixeiras foram feitos por uma empresa especializada, localizada na cidade de Cuiabá – MT, e suas encomendas são geralmente feitas pela iniciativa particular ligada ao comércio.

Por sua vez, a Casa do Artesão na Avenida Afonso Pena, esquina com a Calógeras, é um local onde são comercializados artesanatos com expressões da fauna e flora do Pantanal, tornando-se um importante ponto de referência turística do Estado de Mato Grosso do Sul.

No Mercado Municipal Antônio Valenti, inaugurado em 1958, situado a uma quadra da Avenida Afonso Pena, também são comercializados artesanatos com expressões do Pantanal, porém, além disso, comercializam-se no “Mercadão” quase que todos os objetos e alimentos utilizados por pantaneiros, como ervas de Tereré, e os frutos Pequi, Guariroba, entre vários outros.



FIGURA 4 - TELEFONE PÚBLICO EM FORMATO DE ONÇA PINTADA.
Foto: Daniela Sottili Garcia, 2003.

O popular “Mercadão” é originário de uma feira livre, teve seu prédio construído a partir da doação de parte de seu terreno, para a Prefeitura, por Antônio Valente, e passou por uma obra de reestruturação e modernização em 2006. Houve melhorias como calçamento, iluminação, pintura, climatização e aumento do número de vagas do estacionamento.

Para o ano de 2009, estão previstas mais reformas, que visam à ampliação da área do mercado para criação de um centro gastronômico e cultural, tendo como modelo o Mercado Municipal de São Paulo (FOLHA DO POVO, 2008).

Na Rua Barão do Rio Branco, em frente à Praça do Rádio, localiza-se o Museu do Índio, apresentando vários animais do Pantanal, empalhados.

Bem mais adiante, seguindo o sentido Shopping Campo Grande, encontra-se a Barroarte, casa comercial que vende artesanato com expressões do Pantanal.

A Avenida Afonso Pena finaliza-se no Parque das Nações Indígenas onde remete aos seus visitantes, direta ou indiretamente, a imagem do Pantanal. O parque foi implantado em 1994, na área compreendida entre o *shopping* e o Parque dos Poderes, oferece infra-estrutura adequada para a prática do lazer e do esporte. É considerado um dos maiores parques urbanos do mundo, com extensão de 119 hectares.

Atualmente, o parque oferece restaurante, praça do píer, estacionamento externo, 4.100 metros de pistas de caminhada, praça de eventos, iluminação noturna, conjuntos de aparelhos de ginástica, quadra poliesportiva, quadra de areia, pistas de *skate* e patins, quatro pontes sobre o córrego Prosa, Lago do Prosa e monumento aos índios cavaleiros Guaicurus. É também no parque que se localizam a Concha Acústica Helena Meireles, o Museu Dom Bosco, o Museu de Arte Contemporânea - MARCO, o prédio da administração, o prédio da Fundação de Turismo (Fundtur), a sede da Polícia Militar Ambiental (PMA) e a sede do Esquadrão de Polícia Montada.

Os portões de acesso ao parque receberam os nomes das nações indígenas: Kaiowa, Guarani, Nhandeva, Kadiweu, Terena e Ofaié/Xavante (PORTALMS, 2009).

Porém, os ícones não ficam apenas na Avenida Afonso Pena. Eles espalham-se pela cidade, como na Praça União também conhecida popularmente como Praça das Araras situada a poucos metros desta avenida, na região do Hotel Indaiá. Nela foram construídas três grandes araras em cimento, por isso a origem do seu nome (Figura 5).

A praça fica situada no bairro Amambaí, em Campo Grande, localizada entre as ruas João Rosa Pires e Terenos. Em seu mandato de Prefeito de Campo Grande (1993-1997) Juvêncio Cesar da Fonseca, encomendou a proposta de revitalização desta praça ao artista plástico Clair Ávila, que na ocasião apresentou o projeto das Araras, que buscava entre outras coisas despertar a população para a informação da preservação da arara azul, ave em extinção considerada a maior e mais bela arara do mundo, em 1996 a praça foi totalmente remodelada ganhando espelho d'água, quadra polivalente, parque infantil e o monumento das araras. Essa praça permanece até a atualidade com estas mesmas características (ÁVILA, 2009).

Nas proximidades encontra-se em um prédio residencial, na Rua João Rosa Góes, a 50 metros da Avenida Afonso Pena, a pintura de um tuiuiú, essa pintura também foi idealizada por Clair Ávila e é de 1994. (Figura 6).



FIGURA 5 - PRAÇA DAS ARARAS.

Foto: Daniela Sottili Garcia, 2003.

Referente ao comércio local constatou-se a existência de alguns estabelecimentos comerciais com nomes característicos do Pantanal tendo como exemplos: Pantanal, Pantaneiro, Tuiuiú entre outros (Figura 7).



FIGURA 6 - PINTURA DE UM TUIUIÚ EM UM PRÉDIO RESIDENCIAL

Foto: Daniela Sottili Garcia, 2003.



FIGURA 7 - COMÉRCIO LOCAL
Foto: Daniela Sottili Garcia, 2003.

Por meio das evidências apontadas neste trabalho, percebeu-se que o poder público e privado da cidade Campo Grande – MS expressa consciente ou inconscientemente uma imagem do Pantanal no centro urbano de Campo Grande, o que fortalece a idéia de que esta capital esteja geograficamente localizada no Pantanal, tal atitude pode ser considerada inadequada, pois, de certa maneira a cidade está deixando de apresentar suas próprias características culturais.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo é fruto de análise empírica atual e de parte dos resultados de uma pesquisa muito maior, que foi aposta na dissertação de mestrado intitulada O imaginário do Pantanal no espaço urbano de Campo Grande – MS, a qual teve como subsídios metodológicos entrevistas realizadas com 243 turistas encontrados no aeroporto, terminal rodoviário e hotéis de Campo Grande, que visou verificar a imagem que o turista tinha de Campo Grande antes e depois de conhecer a cidade (SOTTILI, 2005).

Por meio deste trabalho foi possível verificar como a criação de elementos simbólicos com inspiração no Pantanal foi inserida pelo poder público e privado no

espaço urbano de Campo Grande, e que ainda influenciam nas atividades turísticas desenvolvidas na cidade, possibilitando um novo arranjo espacial e diversificando ainda mais o uso da sua principal avenida que é a Afonso Pena.

Por intermédio dos resultados dos questionários acima citados e de pesquisa empírica, verificou-se que, os representantes turísticos públicos e privados estavam em 2005 e continuam até o momento, trabalhando no sentido de construir uma imagem para os turistas que freqüentam a cidade, relacionado-a com a paisagem pantaneira, se apropriando em parte, desta imagem criada dos animais da fauna pantaneira, em praças, através de pinturas em edifícios, no formato das lixeiras, nas cabines telefônicas (orelhões) e os Tuiuiús do aeroporto, entre outros.

Diante deste fato, é válido ressaltar que esses marcos urbanos não foram construídos especificamente para divulgação de Campo Grande como destino turístico, mas, acabaram sendo utilizados também para tal fim.

Verificou-se que tal imagem também era e continua sendo propagada pela mídia local para a divulgação dos atrativos da cidade.

Desse modo, a imagem de capital do Pantanal, construída tanto pela mídia quanto pelo poder público na esfera municipal e estadual, sobre a capital de Mato Grosso do Sul, continua a ser equivocada como publicidade, na medida em que divulga uma identidade não totalmente compatível com aquela existente no município. Apesar de tímida, a cultura desta capital está mais relacionada à pecuária, do que puramente ao Pantanal. Constatou-se por meio dos questionários aplicados aos turistas que essa “falsa” imagem de Campo Grande ocasionava uma frustração em parte dos turistas que, ao visitá-la, esperavam encontrar o Pantanal e que ainda continua a gerar falsas expectativas.

Entende-se que o fato de Campo Grande utilizar tais elementos visuais não é de todo inadequado, pois a cidade não deixa de ser um portão de entrada e uma forma de divulgação do Pantanal. Porém, a capital sul-matogrossense poderia em seus projetos de desenvolvimento turístico destacar com maior intensidade sua própria cultura e seus referenciais geográficos e históricos, que são deixados em segundo plano em consequência de uma preocupação mais acentuada em se divulgar o Pantanal.

5 REFÊRENCIAS

ARRUDA, A. M. V. de. **Pioneiros da arquitetura e da construção de Campo Grande**. Campo Grande: Uniderp, 2002.

ÁVILA, C. (Entrevista). Informações cedidas em 20 de janeiro de 2009, às 15h15min.

BACCIOTTI, A. de M. **Avenida Afonso Pena: importância política e econômica para Campo Grande**. 2002. 79 f. Monografia (Graduação em Turismo) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2002.

BOULLÓN, R. C. **Planejamento do espaço turístico**. Bauru, SP: EDUSC, 2002.

EBNER, I. de A. R. **A cidade e seus vazios: investigação e proposta para os vazios de Campo Grande**. Campo Grande: UFMS, 1999.

CASTROGIOVANNI, A.C. O produto cidade: caminhos de cultura, caminhos de turismo. In: _____. (Org.). **Turismo urbano**. São Paulo: Contexto, 2000.

CORIOLOANO, L. N. M. T. A produção da imagem dos lugares turísticos. In: _____. **Turismo de inclusão e desenvolvimento local**. Fortaleza: Premius, 2003.

FOLHA DO POVO. Disponível em: <<http://www.deixaever.com.br/ufms/wp-content/uploads/2008/08/18ago05b>>. Acesso em: 01/02/2009.

GARDIN, C. **Campo Grande entre o sagrado e o profano**. Campo Grande: UFMS, 1999.

GEOCITIES. Disponível em: <http://www.br.geocities.com/arte_ada/obras.html>. Acesso em: 20/01/2009.

IBGE. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>>. Acesso em: 23/01/2009.

LEFEBVRE, H. **De lo rural a lo urbano (antologia preparada por Mário Gavéria)**. 4. ed. Barcelona: Ediciones Península, 1978.

MACHADO, P. C. **Pelas ruas de Campo Grande: a grande Avenida**. Campo Grande: Prefeitura Municipal de Campo Grande, v. 5, 2000.

MORADA DOS BAIS. Disponível em: <http://www.en.wikipedia.org/wiki/Morada_dos_BaisWikipedia>. Acesso em: 19/01/2009

OLIVEIRA NETO, A. F. de. **Campo Grande e a Rua 14 de Julho: tempo, espaço e sociedade**. 2003. 181 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Estadual de São Paulo, Presidente Prudente, 2003.

_____. **Nas ruas da cidade:** um estudo geográfico sobre as ruas e calçadas de Campo Grande. Campo Grande: UFMS, 1999.

PALLAMIN, V. M. **Arte urbana.** São Paulo: Annablume e Fapesp, 2000.

PANTANALECOTURISMO. Disponível em: <<http://www.pantanalecoturismo.tur.br>>. Acesso em: 01/02/2009.

PORTALMS. Disponível em: <<http://www.portalms.com.br>>. Acesso em: 01/02/2009.

SILVA, K. R. C. da. **Um olhar sobre o centro da cidade:** a rua principal. 1999. 22 f. Monografia (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade para o Estado e Região do Pantanal – Uniderp, Campo Grande, 1999.

SALGADO, E. M. **Mato Grosso do Sul e a Mesopotâmia do Prosa e Segredo.** Campo Grande, 2001.

SOTTILI, D. ; OLIVEIRA, C. D. M. Símbolos Pantaneiros no espaço urbano de Campo Grande – MS. In: **Reflexões em turismo: Mato Grosso do Sul,** Campo Grande - MS/Rondonópolis – MT: UCDB/CESUR 2004.

SOTTILI, D. **O imaginário do Pantanal no espaço urbano de Campo Grande – MS.** Dissertação (Mestrado em Geografia), Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2005.

YÁZIGI, E. **Turismo e paisagem.** São Paulo: Contexto, 2002.

Recebido em: 11/02/2009

Aprovado em: 11/03/2009